

A COESÃO TEXTUAL EM EXEMPLARES DO GÊNERO MINICONTO

LA COHESIÓN TEXTUAL EN EJEMPLARES DEL GÉNERO MINICONTO

Jonilson Pinheiro Moraes¹

Resumo: Este trabalho tem o objetivo de analisar o processo de coesão textual em exemplares do gênero de texto miniconto por meio da identificação dos mecanismos coesivos utilizados e da tentativa de compreensão do funcionamento desses mecanismos na construção textual do gênero. Para tal, seguindo a perspectiva da Linguística Textual, abordarei a coesão textual e seus mecanismos de coesão – referência, substituição, elipse, conjunção e coesão lexical. Também discorrerei sobre o gênero textual miniconto e suas características, como concisão e narratividade. Verifiquei, por meio da análise textual de três minicontos, que os mecanismos de coesão usados são (apenas os) essenciais para a construção de textos coerentes e assumem funções específicas que estão a serviço do caráter minimalista e das características concisão e narratividade do gênero miniconto.

Palavras-Chave: Linguística Textual. Coesão Textual. Mecanismos Coesivos. Gênero Miniconto.

Resumen: En este trabajo, objetivo analizar el proceso de cohesión textual en ejemplares del género de texto minicuento por medio de la identificación de los mecanismos cohesivos utilizados y de la tentativa de comprensión del funcionamiento de esos mecanismos en la construcción textual del género. Para tal, siguiendo la perspectiva de la Lingüística Textual, abordaré la cohesión textual y sus mecanismos de cohesión - referencia, sustitución, elipse, conjunción y cohesión lexical. También discorreré sobre el género textual minicuento sus características concisión y narratividade. Por medio del análisis textual de tres minicuentos verifiqué que los mecanismos de cohesión usados son (sólo los) esenciales para la construcción de textos coherentes y asumen funciones específicas que están a servicio del carácter minimalista y de las características concisión y narratividade del género minicuento.

Palabras-clave: Lingüística Textual. Cohesión Textual. Mecanismos cohesivos. Género Minicuento.

Considerações iniciais

A Linguística Textual toma como objeto particular de investigação os textos, por serem eles a forma específica de manifestação da linguagem, e busca compreender as relações existentes entre as suas partes constituintes e quais as funções destas na

¹ Mestrando em Letras – Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Pará. E-mail: jonilsonmoraes7@gmail.com

construção dos sentidos dos textos, levando em conta o sujeito e o contexto de enunciação.

Considerando essa perspectiva teórica, tenho, neste artigo, como objetivo analisar o processo de coesão textual em exemplares do gênero de texto miniconto por meio da identificação dos mecanismos coesivos utilizados e da tentativa de compreensão do funcionamento desses mecanismos na construção textual do gênero. Portanto, o objeto de pesquisa deste trabalho é a coesão textual em textos do gênero miniconto e o *corpus* de análise são três exemplares do gênero.

O miniconto é relativamente novo, pois surgiu na segunda metade do século XX, sendo um tipo de conto brevíssimo de, no máximo, uma página, podendo ter extensão de apenas uma frase. Por isso, acredito que o seu caráter minimalista exige a utilização de processos coesivos específicos, que atendam a concisão requerida no processo de produção sem prejudicar a narratividade do texto e seu sentido global.

Para atingir o objetivo traçado, divido este artigo em duas grandes seções. Na primeira, abordarei o referencial teórico sobre a Linguística Textual, mais especificamente, o fator de textualidade coesão textual, assim como seus mecanismos coesivos de referência, substituição, conjunção, elipse e coesão lexical. Na segunda seção, apresentarei o gênero textual miniconto e suas características (concisão e narratividade) e, em seguida, realizarei a análise de três exemplares do gênero intitulados *O gol perfeito*, *O encontro* e *Constrangida*, de autoria de Leonardo Brasiliense, identificando os mecanismos coesivos e as relações de correferencialidade, pronominalização, entre outras realizadas para a construção textual de tais textos.

Linguística Textual: a coesão em foco

A Linguística Textual, enquanto um dos ramos dos estudos linguísticos, caracteriza-se pelo objeto que toma como unidade de investigação: o texto. Trata-se de uma abordagem linguística que começou a se desenvolver na Europa, especificamente na Alemanha, durante a década de 1960, buscando superar o tratamento linguístico a partir de unidades menores que o texto, como as palavras e as frases, pois compreende que as relações textuais são muito mais que a junção de sintagmas (OLIVEIRA, 2008).

Tal percepção se deve ao fato de que fenômenos como a correferência, a seleção de artigos (definido e indefinido), as relações entre sentenças não ligadas por conjunção, a pronominalização, a concordância dos tempos verbais, as ordens da palavras no

enunciado, a relação tópico comentário e entre outros só podem ser explicados satisfatoriamente no nível do texto correlacionado ao nível pragmático (FÁVERO; KOCH, 2012).

Marcuschi (2012, p. 33) propõe que se veja a LT, mesmo que provisoriamente:

Como o estudo das operações linguísticas e cognitivas reguladoras e controladoras da produção, construção, funcionamento e recepção de textos escritos ou orais. Seu tema abrange a coesão superficial ao nível dos constituintes linguísticos, a coerência conceitual ao nível semântico e cognitivo e o sistema de pressuposições e implicações ao nível pragmático da produção de sentido no plano das ações e intenções.

Dessa forma, esta abordagem linguística reintroduz em seu escopo teórico o sujeito ao abranger o nível semântico-cognitivo dos produtores e coprodutores dos textos e a situação de comunicação ao abranger o nível pragmático da produção e recepção de sentidos dos textos, que foram excluídos dos estudos linguísticos pelo estruturalismo linguístico, já que por causa da compreensão de língua como um sistema de signos (BENTES, 2012).

De acordo com Fávero e Koch (2012), apesar do surgimento da Linguística Textual ter acontecido de forma independente em diversos países na Europa e fora dela com propostas teóricas diferentes, Conte (1977) distingue três momentos na passagem da teoria da frase para a teoria de texto, que representam uma gradual ampliação do seu objeto de estudo. No entanto, essa distinção não segue uma ordem cronológica, por não haver entre esses momentos uma sucessão temporal, mas sim tipológica, já que cada um dos momentos constitui-se em um tipo diferente de desenvolvimento teórico.

Esses momentos são, respectivamente, o da análise transfrástica, o das gramáticas textuais e o das teorias de texto. No primeiro, ainda são analisados enunciados e/ou sequências de enunciados com o objetivo de estudar os diversos tipos de relações que podem se estabelecer entre os diferentes enunciados que constituem uma sequência significativa, como as relações (co)referenciais (FÁVERO; KOCH, 2012). No segundo momento, passa-se a construir gramáticas textuais com o objetivo de compreender fenômenos linguísticos inexplicáveis por meio da gramática do enunciado – como o estabelecimento de relações entre sentenças sem a presença de conectores –, já que entre o enunciado há uma diferença de ordem qualitativa e não apenas quantitativa. No último, as teorias do texto - diferentemente das gramáticas textuais que se preocuparam com a descrição da competência textual de falantes ideais – se propuseram investigar a constituição, o funcionamento, a produção e a compreensão dos textos em uso, por meio

do tratamento dos textos em contexto pragmático, entendido como o conjunto de condições da produção, da recepção e da interpretação do texto (BENTES, 2012).

Para a Linguística Textual um dos maiores de seus desafios é definir, caracterizar, delimitar e determinar o que é um texto, pois existem várias conceituações para o que é um texto, construídas a partir da adoção de pontos de vista teóricos bastante diversos.

Marcuschi (2012) afirma que o texto é uma unidade comunicativa atual realizada tanto ao nível da fala (uso) como ao nível da língua (sistema), sendo que tanto o sistema como o uso têm suas funções essenciais.

Fávero e Koch (2012), após apresentarem várias conceituações de texto, afirmam que esse termo pode ser abordado em duas acepções. Texto em sentido *lato* corresponde a todo tipo de comunicação que se realiza por meio de um sistema de signos, seja ele oral, escrito ou imagético, isto é, refere-se a toda e qualquer manifestação da capacidade textual do ser humano. Texto em sentido *estrito* refere-se a qualquer passagem – oral ou escrita – que independentemente da extensão forma um todo significativo, tratando-se, portanto, de uma unidade de sentido, de um contínuo comunicativo textual que se caracteriza por um conjunto de relações responsáveis pela tessitura do texto.

Costa Val (2006, p. 3), por sua vez, segue o sentido *estrito* ao definir texto “como ocorrência falada ou escrita, de qualquer extensão, dotada de unidade sociocomunicativa, semântica e formal”. Em primeiro lugar, a autora considera que o texto cumpre uma função determinada e identificável pelos interlocutores num dado ato sociocomunicativo. Em segundo, o texto constitui-se como uma unidade semântica, isto é, precisa ser percebido pelo interlocutor como um todo significativo. Por último, ele é uma unidade linguística formal, ou seja, seus componentes linguísticos devem estar relacionados, para que ele seja percebido como um todo coeso.

A textualidade é o “conjunto de características que fazem com que um texto seja um texto, e não apenas uma sequência de frases” (COSTA VAL, 2006, p. 05). Ela é composta por sete fatores que são a coesão e a coerência – que se referem ao material linguístico e conceitual do texto -, a intencionalidade, a aceitabilidade, a situacionalidade, a informatividade e a intertextualidade – que estão relacionados com fatores pragmáticos do processo de enunciação.

As três unidades pelas quais o texto é dotado, segundo Costa Val (2006), englobam os fatores de textualidades. Os fatores situacionalidade, intertextualidade, intencionalidade, aceitabilidade e informatividade se situam na unidade

sociocomunicativa; o fator coerência se situa na unidade semântica; e o fator coesão se situa na unidade formal do texto.

Esta última característica do texto – a unidade formal –, é o que me interessa analisar neste trabalho, pela qual a responsável é a coesão, que, por sua vez, se constrói por meio de mecanismos gramaticais e lexicais: pronomes anafóricos, artigos, concordância, conjunções, elipse, correlação entre tempos verbais, nominação, sinonímia, antonímia, hiponímia, hiperonímia entre outros.

Para Halliday e Hasan (1976), segundo Marcuschi (2012), o texto é uma unidade em uso. Melhor dizendo, é uma unidade semântica, portanto, não é uma unidade de forma medida por sua extensão, mas sim uma unidade de sentido. Então, o texto não se constitui em sentenças, mas se realiza por meio delas, pois a unidade do texto, que é formada pela relação semântica de coesão, é diferente da unidade da sentença.

Atenho-me, agora, especificamente no fator de textualidade coesão, que para Koch (2005, p. 17) é “o fenômeno que diz respeito ao modo como os elementos linguísticos presentes na superfície textual se encontram interligados, por meio de recursos também linguísticos, formando sequências veiculadas de sentido”; “É o conceito semântico que se refere às relações de sentido que se estabelecem entre os enunciados que compõem o texto, fazendo com que a interpretação de um elemento qualquer seja dependente da de outro(s)” (FÁVERO; KOCH, 2012, p. 50). Em outras palavras, é o conjunto de estratégias de referenciação e sequenciação responsáveis pela conexão entre os elementos linguísticos constituintes do texto, que podem ocorrer tanto no nível semântico quanto no nível sintático.

A coesão textual, então, se revela no texto em três níveis do sistema linguístico: o semântico (significado), o fonológico-ortográfico (expressões) e o léxico-gramatical (formal), mais explicitamente nesse último por meio das marcas linguísticas e dos índices formais na estrutura da sequência linguística e superficial do texto utilizados pelo autor a fim de possibilitar a seu interlocutor a produção de sentidos que ocorre nas situações de interação. Portanto, a coesão é alcançada em parte por meio da gramática e em parte por meio do léxico.

A coesão não se constitui como condição necessária e suficiente para que um conjunto de enunciado seja considerado um texto, no entanto, o uso de elementos coesivos na tessitura textual dá mais legitimidade ao texto, explicitando na superfície textual as relações estabelecidas entre os elementos linguísticos que o compõem. Isso se deve ao fato de existirem textos destituídos de recursos coesivos, mas nos quais a continuidade se

dá ao nível das relações lógico-semânticas (sentido) e não ao nível das relações entre os elementos linguísticos (formal) (FÁVERO; KOCH, 2012).

De acordo com Koch (2005), Halliday e Hassan (1976) afirmam que a coesão não é uma relação sintática e sim semântica e distinguem cinco principais fatores ou mecanismos de coesão que são: referencial (pessoal, demonstrativa e comparativa), substituição (nominal, verbal, frasal), elipse (nominal, verbal, frasal), conjunção (aditiva, adversativa, casual, temporal e continuativa) e coesão lexical (repetição, sinonímia, hiperonímia, uso de nomes genéricos, colocação). Os fatores de coesão são aqueles responsáveis pela sequência superficial do texto.

Koch (2005, p. 19) afirma que os elementos de referência são “os itens da língua que não podem ser interpretados semanticamente por si mesmos, mas remetem a outros itens do discurso necessários à sua interpretação”. Aqueles elementos podem se referir a algum elemento da situação de produção textual, estando o referente fora do texto (referência exofórica) ou podem se referir à outros elementos do próprio texto, estando o referente no texto (referência endofórica). Neste caso, se no texto o referente vem antes do elemento de referência, tem-se a anáfora (referência anafórica); se vem após, tem-se a catáfora (referência catafórica). Exemplifico abaixo.

- 1) **Você** não será o único a ficar de recuperação. (referência exofórica)
- 2) Ana tem uma pele linda. **Ela** usa protetor solar diariamente. (referência endofórica e anafórica)
- 3) **Ele** não é mais o mesmo. João está diferente. (referência endofórica e catafórica)

A referência pessoal se realiza por meio de pronomes pessoas e possessivos, a referência demonstrativa se realiza por meio de pronomes demonstrativos e advérbios indicativos de lugar e a referência comparativa se realiza por via indireta, por meio de identidades e similares. Abaixo apresento seus exemplos respectivamente.

- 4) Pedro e Ricardo já formaram, mas **eles** ainda continuam desempregados. (referência pessoal anafórica)
- 5) Passei em todas as disciplinas, mesmo **nesta**: Cálculo I. (referência demonstrativa catafórica)

- 6) A aula de ontem foi bem **diferente da** de hoje. (referência comparativa exofórica)

O fator de coesão de substituição consiste “na colocação de um item em lugar de outro(s) elemento(s) do texto, ou até mesmo, de uma oração inteira. Seria uma relação interna ao texto, em que uma espécie de ‘coringa é usado em lugar da repetição particular de um item” (KOCH, 2005, p. 20). Pode ser nominal, realizada por meio de pronomes pessoais, numerais, indefinidos, nomes genéricos; e verbal, por meio do verbo “fazer”, substituto dos causais, e do verbo “ser”, que é substituto dos existenciais. A substituição se diferencia da referência porque diferentemente desta, em que há total identidade entre o item referência e o item pressuposto, nela ocorre alguma redefinição do item pressuposto, sendo usada quando a referência não é idêntica ou quando há uma especificação nova a ser acrescentada, como se pode perceber no exemplo 8. Isto é, a substituição é uma relação mais gramatical enquanto que a referência é uma relação mais semântica.

- 7) João comprou um celular novo e Mateus **também**.

- 8) Pedro comprou uma bola azul, mas Ricardo comprou **uma** preta.

De acordo com Koch (2005), a elipse consiste na substituição por zero (Ø) de um item lexical, um sintagma, uma oração ou todo um enunciado facilmente recuperável pelo contexto. Deixa-se de dizer alguma coisa que fica subtendida no texto como no exemplo 9.

- 9) Cadê o João? Ø Foi ao cinema com a Ana.

Os três fatores coesivos abordados acima se assemelham em certos aspectos, podendo-se dizer que a substituição é um tipo especial de referência e a elipse um tipo especial de substituição (FÁVERO, 2004).

A conjunção (ou conexão) é de natureza diferente das outras relações coesivas por não se tratar de uma simples relação anafórica. Consiste no estabelecimento de relações semânticas específicas entre elementos ou orações do texto. Essas relações são marcadas explicitamente por elementos formais que correlacionam o que está para ser dito com o que já foi dito, sendo que o mesmo elemento coesivo pode expressar relações

semânticas diferentes, conforme a estrutura e contexto em que esteja inserido. Os elementos conjuntivos são indiretamente elementos coesivos por causa das relações específicas que se estabelecem entre as orações, períodos e parágrafos, mas não por si mesmos (FÁVERO, 2004). Os principais tipos de conjunções são aditiva, adversativa, causal, temporal e continuativa, exemplificadas a seguir.

- 10) João **e** Guilherme se amam e se casarão. (referência conjuntiva aditiva)
- 11) Pedro ama Ana, **mas** ela não o ama. (referência conjuntiva adversativa)
- 12) Maria ama Laura **porque** Laura a ama também. (referência conjuntiva causal)
- 13) **Depois** que beijou Guilherme, João foi embora. (referência conjuntiva temporal)
- 14) Guilherme traiu João. **Daí** ele deixou de acreditar no amor. (referência conjuntiva continuativa)

Segundo Koch e Fávero (2012, p. 55), “a coesão lexical é obtida através da reiteração de itens idênticos [mesmo item lexical] ou que possuam o mesmo referente, isto é, de termos sinônimos ou palavras afins, que pertençam ao mesmo campo lexical” (hipônimos e hiperônimos). Além disso, também se inclui aí o uso de nomes genéricos (gente, pessoa, coisa, negócio) cuja função coesiva está na fronteira entre as coesões lexical e gramatical.

- 15) O presidente está destruindo as políticas públicas do país. O **presidente** não se importa com distribuição de renda (coesão lexical por reiteração de mesmo item lexical).
- 16) O homem foi bater panela na rua em 2015. O **sujeito** sente vergonha do que fez. (coesão lexical por sinonímia)
- 17) O Brasil teve uma série de manifestações de “patriotas” em 2015. O **país** ainda sofre por causa das consequências dessas manifestações. (coesão lexical por hiperonímia)

- 18) A política enfrenta um período de grande crise por causa da corrupção. A **coisa** está piorando cada vez mais. (coesão lexical por nome genérico)

Outro fator de coesão lexical é a colocação ou contiguidade, que “consiste no uso de termos pertencentes a um mesmo campo semântico” (KOCH, 2005, p. 22), isto é, “resulta da associação de itens lexicais que regularmente co-ocorrem” (KOCH, FÁVERO, 2012, p. 56).

- 19) As *mulheres* têm se juntado e por meio do *movimento feminista* buscado seus direitos como igualdade de *gênero*, igualdade salarial e direito sobre o próprio corpo. (coesão lexical por colocação)

Segundo Koch (2005), coesão referencial é aquela que se estabelece entre dois ou mais componentes textual, sendo que um componente remete ao outro(s) componente(s) presente(s) na superfície textual ou inferível(is) a partir do contexto. Ela é responsável por criar um sistema de relações entre as palavras e expressões dentro do texto, permitindo que o leitor identifique os termos aos quais determinados itens gramaticais se referem.

O termo que indica o elemento textual ou situacional ao qual outro elemento se refere é chamado de elemento de referência, e o termo que indica o elemento que se refere ao elemento de referência é referente, sendo este um componente ou ocorrência textual sem referência autônoma. Isto é, em vez desses componentes serem interpretados pelo seu sentido próprio, eles relacionam-se a outros componentes necessários para sua interpretação.

De acordo com Fávero (2004), a obtenção da coesão referencial se dá por meio de dois mecanismos básicos, que são a substituição e a reiteração.

O primeiro mecanismo ocorre quando um componente é retomado ou precedido por uma pró-forma (elemento gramatical representante de uma categoria), que pode ser pronominal, verbal, adverbial, numeral e pode exercer função de pró-sintagma, pró-constituente ou pró-oração. No caso de retomada, tem-se uma anáfora e, no caso de sucessão, uma catáfora, mecanismos já exemplificados acima. Esse mecanismo de coesão engloba os fatores de coesão referência, substituição, elipse e conjunção na definição de Halliday e Hasan (1976), abordados acima.

O segundo mecanismo – a reiteração –, consoante com Fávero (2004), é a repetição de expressões presentes no texto e que têm a mesma referência. Esse mecanismo se divide em cinco tipos, que são: repetição do mesmo item lexical; sinônimo; nomes genéricos; expressões nominais definidas; e hiperônimos e hipônimos. Desse modo, ele engloba o fator coesivo coesão lexical nos termos de Halliday e Hasan (1976), visto acima.

Creio que não seja necessário explicar estes dois mecanismos da coesão referencial pelo fato de englobarem os cinco fatores de coesão textual já expostos acima. Na próxima seção abordarei o gênero textual miniconto e suas características e analisarei os exemplares do gênero que selecionei como *corpus*.

A coesão textual em minicontos

Os textos que escolhi para analisar neste trabalho são do gênero textual miniconto, cuja característica principal é a concisão, que, por consequência, impõe restrições ao processo de produção, que, por sua vez, assume características específicas.

O gênero textual miniconto – também conhecido como microconto, microrelato, nanoconto e conto brevíssimo –, conforme Oliveira e Saraiva (*on-line*), como nos sugere o prefixo atenuador minimal “mini”, é uma espécie de conto muito pequeno, sendo menor que o conto, tendo no máximo uma página ou um parágrafo, podendo ser construído em apenas uma frase.

O miniconto é um gênero relativamente novo, visto que ele teve seu início em meados do século XX, mais precisamente em 1959, com o escritor guatemalteco Augusto Monterroso, que escreveu o miniconto “O dinossauro”, que é um dos menores textos do gênero de que se tem notícia. No Brasil, esse gênero teve seu ponto de partida, em seu formato contemporâneo, com a publicação do livro “Ah é?”, em 1994, do escritor Dalton Trevisan, sendo que em 2004 o livro “Os cem menores conto do século”, organizado por Marcelino Freire, teve destaque por desafiar cem escritores a produzirem contos de no máximo cinquenta letras (SPALDING, 2008).

De acordo com Marcelo Spalding (*on-line*), no seu artigo intitulado “Pequena poética do miniconto” publicado no *site* Minicontos², desde o século passado o conto tem

² <http://www.minicontos.com.br>

experimentado com sucesso textos em formas brevíssimas, criados a partir de textos de escritores como Borges, Monterroso, Kafka, Cortázar, Arreola e Trevisan.

A responsável pela difusão inicial do gênero miniconto foi a literatura latino-americana, que consoante com Spalding (*on-line*), não apenas tem apresentado várias ontologias com esses textos, mas também estudos acadêmicos³ sobre o que têm chamado de “microrrelato”. Spalding (*on-line*), ainda afirma que nas últimas décadas esse tipo de ficção breve tem ganhado espaço em vários países nos quais têm sido publicadas várias ontologias com esse tipo de texto, como nos Estados Unidos, em que a ontologia inaugural reúne textos de até 300 palavras, o que culminou com o que se tem chamado de *microfiction*

De acordo com Marcelo Spalding (*on-line*), o miniconto tem sido cultivado por escritores da nova geração, que são seduzidos pela aparente facilidade em produzir um bom miniconto, devido ao formato enxuto do gênero e pela sua leitura rápida por parte dos leitores. A facilidade que se pensa ter na produção de minicontos é só aparente, pois do escritor é exigida a capacidade linguístico-discursiva para que seja capaz de realizar apenas escolhas gramáticas, lexicais e lógico-semânticas que sejam essenciais para a coesão da narrativa, dispensando qualquer mecanismo ou elemento coesivo que possa ser recuperado por meio da intuição linguística do leitor e/ou da inferenciação.

Spalding (*on-line*) elenca como características do miniconto a concisão e a narratividade, efeito, abertura e exatidão. A seguir, explicarei as duas primeiras por considerá-las as principais características do gênero.

A concisão é uma característica orientada pela forma composicional do gênero, já que ele é de, no máximo, uma página, que impõe, por sua vez, um limite temático. Isto é, a história que o miniconto narra deve estar completa tanto com relação aos elementos da narrativa quanto às partes do enredo, na extensão do gênero, pois não se pode atrofiar ou amputar a narrativa. Por isso, as temáticas abordadas no gênero estão relacionadas aos pequenos eventos do cotidiano. A concisão também interfere no nível estilístico do gênero, como, por exemplo, a falta de descrição, além de outros aspectos, relacionados à coesão textual que tentarei identificar na análise de textos do gênero.

A narratividade é a característica de diferenciação entre o miniconto e outros gêneros menores, como o haicai e o poema em prosa, que não são necessariamente

³ Entre os trabalhos acadêmicos está dissertação de metrado de Marcelo Spalding intitulada *Os cem menores contos brasileiros do século* e a reinvenção do miniconto na literatura brasileira contemporânea.

narrativos. Spalding (*on-line*) esclarece que “ser narrativo significa [...] narrar algo, contar a passagem de uma personagem de um estado a outro, implicitamente ou explicitamente”. Sem esta característica o miniconto não pode ser considerado um gênero narrativo, já que corre o risco de apenas descrever a cena, sem necessariamente contar uma história, ter um enredo.

Tendo em vista essas especificidades do gênero miniconto, analisarei a seguir os minicontos *O gol perfeito*, *O encontro* e *Constrangida*, que foram produzidos com em média cem palavras. Esses três textos, que constituem nossos objetos de análise, são de autoria do escritor Leonardo Brasiliense. A escolha por textos desse autor foi motivada pelo fato de que ele é um dos grandes representantes no Brasil referente à produção do gênero, tendo o livro *Adeus contos de fada* agraciado como Melhor Livro Infanto-Juvenil de 2006 pelo Prêmio Jabuti. Tal livro reúne 72 histórias com mais ou menos cem palavras cada. Além disso, o escritor possui um *site* pessoal, no qual disponibiliza parte de sua produção literária.

Com as análises, a seguir, pretendo verificar o processo de coesão textual em textos do gênero miniconto, por meio da identificação dos fatores e mecanismos coesivos utilizados na tentativa de compreender como eles funcionam na construção textual.

Texto 01

O gol perfeito

(1) 45 anos, uma certa barriga de cerveja, e começaram as faltas de ar. (2) []⁴ [Eu]⁵ Fui ao médico. (3) Ele me fez perguntas, pediu exames, e deu tudo normal.

– (4) O senhor não tem doença nenhuma, seu problema é sedentarismo. (5) [Você] Vai ter que fazer exercícios...

(6) Eu me imaginei de chuteiras, no barro, suado, esperando o passe perfeito para fazer o gol perfeito.

– (7) E como tem artrose nos joelhos – ele continuou –, eu recomendo hidroginástica.

(8) Agora [eu] estou aqui, imerso até o peito nesta sopa de mijo de velhas. (9) Elas são animadas e riem o tempo todo. (10) Elas acham que têm motivo para isso.

⁴ Esse símbolo, neste trabalho, indicará ausência de coesão.

⁵ Quando a palavra estiver entre colchete indicará elipse.

A conjunção aditiva **e** em (1), (3) e (9) estabelece relação de adição entre os sintagmas. Entre (1) e (2) existe uma relação de causalidade não marcada por elemento coesivo, já que o narrador-personagem vai ao médico porque está com a idade avançada, ingere bebida alcoólica e começa a ter dificuldades para respirar. Em (2) há a elipse do sujeito da oração, o pronome pessoal reto **eu**, que é recuperado pela desinência número pessoal em 1ª pessoa do singular do verbo **fui** e faz referência pessoal ao narrador-personagem. O pronome pessoal de 3ª pessoa **ele** de (3) faz referência pessoal a **médico** de (2). O pronome possessivo **seu** em (4) faz referência pessoal a **o senhor** também de (4). Em (5) percebe-se a elipse do sujeito da oração **você** ou **o senhor**. O pronome oblíquo **me** em voz reflexiva de (6) faz referência pessoal ao pronome pessoal reto **eu** também de (6). Ainda em (6) a preposição **para** indica relação de finalidade entre a palavra que a sucede com as que a precedem. **E** em (7) é uma conjunção aditiva que estabelece relação de adição de ideias a (5). Também em (7) o pronome pessoal reto **eu** é referente pessoal do personagem que fala, que nesse caso é o médico. O advérbio de tempo **agora**⁶ de (8) faz remissão ao tempo da narrativa, que, a partir do contexto e das informações dadas, pode-se inferir que é o momento da aula de hidroginástica, sendo um referência exofórica. Note-se que o tempo verbal muda a partir daí de pretérito perfeito do indicativo para o presente do indicativo, dando à parte inicial a aparência de um *flashback*. O sujeito da oração **eu** sofre elipse e assim como em (2) faz referência pessoal ao narrador-personagem. **Aqui**, advérbio de lugar, em (8), por sua vez, remete ao espaço da narrativa, que também pode ser inferido, como sendo um clube e mais especificamente uma piscina. Em (8) **nesta** é uma referência demonstrativa catafórica referente à **sopa de mijo de velhas** também de (8). O pronome pessoal de terceira pessoa **elas** de (9) e (10) faz referência pessoal anafórica a **velhas** de (8). Em (10) o pronome **isso** faz referência demonstrativa anafórica a todo o período de (9).

No texto 01 há a predominância da coesão referencial realizada principalmente pelos pronomes pessoais e demonstrativos (eu, ele, ela e isso), mas também é realizada

⁶ Este advérbio de tempo, assim como o advérbio de lugar *aqui* em (8), pode ser considerado como um elemento dêitico, se levarmos em conta o postulado da “dêixis textual” de EHLICH (1981), que é contraposta a noção de referência endofórica (anáfora e catáfora). Segundo esse autor “o procedimento dêitico constitui o instrumento para dirigir a focalização do ouvinte [ou leitor] em direção a um item específico, que parte de um domínio de acessibilidade comum [ou não]: espaço dêitico” (EHLICH, 1981 *apud* KOCH, 2000, p. 38).

por meio de advérbios de lugar e tempo (aqui e agora), pela conjunção aditiva **e** e também pela preposição **para**.

Texto 02

O encontro

(1) Não deu tempo de **[ele]** esconder a mosca. (2) O homem já esperava há meia hora no restaurante. (3) **E** a mulher tinha que chegar justo quando **ele** acabara de matar a mosca. (4) **Ela**, que tanto **o** perturbou nos últimos minutos, **agora incomodava** ainda mais. (5) A toalha era branca, [] impossível não perceber **o bicho esmagado, a poça de sangue**. (6) **O homem** nem podia tapá-la com a **[sua]** mão, [] estava mais próxima do lugar que **a mulher** ocuparia.

(7) **E** ocupou. (8) **[Ela]** Disse boa noite.

(9) [] **Ele** retribuiu.

(10) **Ambos**, em silêncio, olharam para **o inseto morto**. (11) **Aquilo** não estava começando bem.

Em (1) percebe-se a elipse do pronome pessoal **ele**, que faz referência pessoal catafórica a **o homem** de (2). A conjunção aditiva **e** de (3) adiciona ideia nova a sequência narrativa iniciada em (2). Ainda em (3) o pronome pessoal **ele** também faz referência pessoal a **o homem** de (2) como o pronome elíptico de (1), mas de modo anafórico. **Ela** em (4) é referente pessoal anafórico de **mosca** de (3) e por extensão de (1). O pronome oblíquo **o** de (4) faz referência pessoal anafórica a **o homem** de (2). Também em (4) o verbo **incomodava** expressa correferencialidade catafórica no nível semântico com os dois períodos que o sucedem – (5) e (6), que indicam a causa do incomodo causado pela mosca morta. Entre a primeira e a segunda oração do período (5) existe uma relação de causalidade não marcada por elemento de coesão, no caso, uma conjunção causal. **Bicho esmagado** de (5) é uma substituição lexical referente a **a mosca** de (3), já que há uma mudança no estado do referente – está morta. Ainda em (5) **o bicho esmagado, a poça de sangue** pode ser considerada referenciação parafrástica de conteúdo semântico. **O homem** de (6) faz coesão lexical por reiteração através da repetição do mesmo item lexical de (2). Em (6) o alomorfe **la** do pronome oblíquo **a** faz referência pessoal a **mosca** de (1) e (3). Ainda em (6) há a elipse do pronome possessivo **sua**, que é referente pessoal anafórico de **o homem** de (6), e há uma relação de causalidade entre a oração principal e

a oração subordinada de (6) não marcada por elemento coesivo, pois, pelo fato da mosca morta estar próxima ao local da mulher, o homem não pode tapá-la com a mão. A conjunção aditiva **e** de (7) acrescenta um novo fato à segunda oração de (6). Em (8) o sujeito da oração **ela**, que faz referência pessoal anafórica **a mulher** de (6), sofre eclipse. Entre (8) e (9) existe uma relação de adição não marcada por elemento coesivo. **Ele** de (9) é referente pessoal anafórico de **o homem** de (2) e (6). O numeral **ambos** de (10) faz referência pessoal anafórica a **o homem** e **a mulher** de (6). Ainda em (10) **inseto morto** faz substituição lexical referente **a mosca** de (3). O pronome substantivo demonstrativo **aquilo** de (11) remete à toda a narrativa e especificamente ao título *O encontro*, sendo uma referência demonstrativa anafórica, um vez que se refere ao acontecimento, ao narrado.

No texto 02 a coesão referencial realiza-se por meio de mecanismo coesivos das referências pessoal e demonstrativa e da substituição lexical (ele, sua, ambos, aquilo, o bicho esmagado, o inseto morto) com retomadas tanto anafóricas quanto catafóricas, e também é marcada pela conjunção aditiva **e**.

Texto 03

Constrangida

(1) O atendente da farmácia viu que eu entrei meio sem graça. (2) [] **[ele]** Sorriu, malicioso. (3) Eram dez da noite, **e** eu não tinha cara de doente. (4) **Ele até** olhou para a porta, **como** procurando mais alguém. (5) **Quando [eu]** cheguei perto da gôndola das camisinhas, **o bobalhão** desviou o olhar de mim, disfarçando muito mal. (6) **[Ele]** Fingiu que arrumava uns folders em cima do balcão, **mas** sempre com o sorrisinho idiota, **que só parou, só se fechou quando [eu]** pus na frente **[dele]** o pacote de fraldas.

Em (2) e (6) há a eclipse do pronome pessoal **ele**, que é recuperado pela desinência número pessoal em 3ª pessoa do singular dos verbos **sorriu** e **fingiu**, respectivamente, e apresenta função de referência pessoal, pois retoma **o atendente** de (1). Entre (1) e (2) percebe-se uma relação de causalidade não marcada por elemento coesivo, já que o atendente sorriu por causa do modo sem graça que ao narrador-personagem entrou na farmácia. A conjunção **e** estabelece uma relação de adição entre as duas orações de (3). O pronome **ele** em (4) faz referência pessoal anafórica a **o atendente** de (1). Ainda em (4) a preposição **até** funciona como elemento de gradação e a conjunção comparativa

como faz referência comparativa ao modo como o atendente olhou para a porta. Em (5) e (6) a conjunção temporal **quando** tem função de localização temporal. Também há em (5) e (6) a elipse do pronome pessoal reto da 1ª pessoal do singular **eu**, que faz referência ao narrador-personagem. A forma remissiva lexical **o bobalhão** de (5) é uma coesão lexical por substituição lexical. A conjunção adversativa **mas** de (6) explicita relação de disjunção argumentativa. Em (6) **que só parou, só se fechou** é uma sequenciação parafrástica por meio da reiteração de estruturas sintáticas. O pronome adjetivo possessivo **dele** em (6) sofre elipse e funciona como referência pessoal a **o atendente** de (1). O artigo definido **o**, em (6), funciona como anáfora profunda, pois seu referente não se encontra explícito no texto, mas é recuperável por inferência a partir do contexto e de informações já dadas.

Neste último texto, como nos anteriores, a coesão referencial é mais evidente por meio da referência pessoal e das conjunções **e**, **mas** e **como**, que explicitam relações de adição disjunção e modo, respectivamente.

Na análise dos três textos percebi que houve a ocorrência dos mecanismos coesivos: elipse, referência pessoal por anáfora e catáfora, referência demonstrativa por catáfora e anáfora, referência exofórica remissiva ao tempo e espaço da narrativa, coesão lexical por substituição lexical, conjunção aditiva, conjunção causal e conjunção adversativa. Além disso, identifiquei referência por reiteração de conteúdo semântico e de estruturas sintáticas.

Também observei nos textos que é frequente a não explicitação por meio de elementos coesivos das relações lógico-semânticas estabelecidas entre os períodos ou orações, como, por exemplo, entre os períodos (1) e (2) do texto 01, entre a primeira e a segunda oração do período (5) e entre a primeira e a segunda oração do período (6) do texto 02 e entre os períodos (1) e (2) do texto 03, nos quais há relações de causalidade não marcadas por conjunções causais. Também encontrei a relação de adição não explicitada entre os períodos (8) e (9) do texto 02.

Tal constatação confirma o fato de que existem textos destituídos de elementos coesivos, sem que a sua coerência, o seu nexos, seja prejudicado, já que a coerência “não se apresenta [...] como mero traço dos textos, mas como resultado de uma complexa rede de fatores de ordem linguística, cognitiva e interacional” (KOCH, 2005, p. 17). Portanto, a coerência é indispensável para que um conjunto de enunciados seja considerado um texto, mas a coesão nem sempre precisa estar explícita na superfície textual por meio dos mecanismos de coesão.

Considerações finais

Pelo fato de o gênero miniconto ter caráter minimalista, no qual um reduzido número de elementos é usado para se obter o máximo de efeito estético, há uma simplificação das formas, como a redução do uso de elementos linguísticos, características mais evidentes quanto menor são os textos.

As características apresentadas pelo miniconto são diferentes das do que poderíamos chamar de um “conto pequeno”, pois no miniconto o mais importante é sugerir, deixando ao leitor a tarefa de recuperar os elementos que faltam através das pistas linguísticas, de preencher as elipses narrativas por meio de inferências e entender a história por trás da narrativa escrita (OLIVEIRA; SARAIVA, *on-line*). Além disso, o miniconto apresenta uma narrativa inteira contida em poucas linhas, já que nesse gênero a ideia é que com o mínimo possível de palavras, elementos coesivos e descrição o texto apresente todo um contexto e uma ação narrativa, sem que o sentido global do texto seja prejudicado.

Percebi, por meio das análises dos três minicontos, que apenas são usados para a construção dos textos os mecanismos coesivos essenciais para que a coerência do enredo da narrativa não seja prejudicada.

Houve a maior recorrência dos mecanismos coesivos de referência pessoal, referência demonstrativa, elipse e conjunção aditiva. Além disso, a ausência de mecanismos coesivos para explicitar as relações lógico-semânticas e discursivas entre as partes do texto pode ser considerada um fator de coesão, que se configura no nível das relações lógico-semânticas.

Abaixo tento evidenciar as funções dos fatores coesivos mais recorrentes identificados nas análises:

- 1) Elipse: é regularmente utilizada nos textos com o objetivo de suprimir todo elemento linguístico e lógico-semântico que pode ser facilmente recuperado pela intuição linguística pelo leitor – como os sujeitos dos períodos (2), (5) e (6) do texto 03.
- 2) Referência pessoal: é usada para retomar os personagens, objetos e elementos do espaço da narrativa, para que não haja a repetição desses constituintes da narrativa – por exemplo, *homem*, *mulher* e *mosca* do texto 02 – e nem seja

usada a coesão lexical por causa da sua extensão, constituída, geralmente, por um sintagma nominal.

- 3) Referência demonstrativa: é aplicada para fazer remissão a períodos e orações e ideias semânticas já mencionadas ou sugeridas anteriormente no texto – por exemplo, o pronome substantivo *aquilo* do período (11) do texto 02, que faz remissão a todo o enredo da narrativa, ao encontro.
- 4) Conjunção aditiva: é a maior responsável pela progressão textual, já que é usada com a função acrescentar novas informações, acontecimentos e fatos ao enredo da narrativa – como ocorre entre os períodos (2) e (3) do texto 01, em que no (2) narra a espera do homem no restaurante e no (3) narra a chegada da mulher.
- 5) Referência exofórica: diferentemente dos outros tipos textuais, no texto narrativo são usados para fazer referência aos elementos tempo e espaço da narrativa – como ocorre com o uso dos advérbios *agora* e *aqui* no texto 01, que remetem ao tempo e ao espaço, respectivamente – deixando para a competência linguístico-discursiva do leitor a tarefa de recuperar esses elementos por meio do contexto e construir os sentidos para a compreensão do texto.

Considero, em última análise, que os mecanismos de coesão usados são (apenas os) essenciais para a construção de textos coerentes do gênero miniconto e estão a serviço do carácter minimalista e das características de concisão e narratividade desse gênero. Os mecanismos coesivos de elipse, referência pessoal, referência demonstrativa, por exemplo, colaboram para a concisão do texto, descartando os elementos gramaticais desnecessários, assim como a ausência de coesão. Já os mecanismos conjunção aditiva, conjunção adversativa e referência exofórica ajudam na manutenção da narratividade dos minicontos.

Referências

- BENTES, Anna Christina. Linguística Textual. In: MUSSALIM, Fernanda; (Org.). *Introdução à Linguística: domínios e fronteiras*. Vol. 1, 10ª ed., São Paulo: Cortes Editora, 2012.
- BRASILIENSE, Leonardo. Constrangida. In: _____. *Adeus conto de fadas*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006.

_____. *O gol perfeito*. Disponível em:
 <<http://www.leonardobrasiliense.com.br/?apid=3144&tipo=2&dt=0&wd=&titulo=O%20gol%20perfeito>> Acesso em: 20 dez. 2016.

_____. *O encontro*. Disponível em:
 <<http://www.leonardobrasiliense.com.br/?apid=1658&tipo=2&dt=0&wd=&titulo=O%20encontro>> Acesso em: 20 dez. 2016.

COSTA VAL, Maria da Graça. *Redação e Textualidade*. 3ª ed., São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FÁVERO, Leonor Lopes. *Coesão e Coerência Textuais*. 9ª ed., São Paulo: Editora Ática, 2004.

_____; KOCH, Ingedore Villaça. *Linguística Textual: uma introdução*. 10ª ed., São Paulo: Cortez, 2012.

KOCH, Ingedore Villaça. *O texto e a construção dos sentidos*. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2000.

_____. *A coesão textual*. 20ª ed., São Paulo: Contexto, 2005.

MARCUSCHI, L. A. *Linguística de Texto: O que é e como se faz?* São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

OLIVEIRA, Mariângela Rios de. *Linguística Textual*. In: MARTELOTTA, Mario Eduardo (Org.). *Manual de linguística*. São Paulo: Contexto, 2008.

OLIVEIRA, Florêncio Caldas de; SARAIVA, Marília. *Conto: teoria do conto com minicontos*. Disponível em: <<https://docente.ifrn.edu.br/florenciocaldas/disciplinas/lingua-portuguesa-e-literatura/texto-teorico-sobre-o-genero-literario-conto>> Acesso em: 11 jan. 2017.

SPALDING, Marcelo. *Os cem menores contos brasileiros do século e a reinvenção do miniconto na literatura brasileira contemporânea*. 2008, 81p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre-RS, 2008. Disponível em: <<http://www.artistasgauchos.com.br/mascelospalding/arquivos/dissertacao.pdf>> Acesso em: 20 dez. 2016.

_____. *Pequena poética do miniconto*. Disponível em:
 <<http://www.minicontos.com.br/?apid=2989&tipo=12&dt=0&wd=&titulo=Pequena%20po%20tica%20do%20miniconto>> Acesso em: 20 dez. 2016.

Artigo recebido em 01/08/18

Artigo aceito em 20/10/18